

---

## **A QUESTÃO DA REPRESENTAÇÃO VISUAL EM GEOGRAFIA. UM BREVE COMENTÁRIO SOBRE AS IMAGENS E OS IMAGINÁRIOS**

**Lucas Costa André**

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), DGEO/IG.

[lucas.c.andre96@gmail.com](mailto:lucas.c.andre96@gmail.com)

**Prof. Dr. Antonio Carlos Vitte**

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), DGEO/IG.

[vitte@unicamp.br](mailto:vitte@unicamp.br)

### **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo discutir a questão da representação visual em estudos culturais na geografia e suas implicações teórico-metodológicas e conceituais, por meio de uma breve exposição de algumas de suas principais problemáticas e conceitos e termos que se articulam analiticamente ao de representação, como imaginário – que constrói e antecede representações de todo tipo, e imagens – num sentido amplo. Tal discussão justifica-se no fato de aproximar dois campos da vida social que são frequentemente tomados separadamente, o cultural e o político. Defende-se que a análise de fenômenos derivados das relações de (re)produção da vida no espaço, especialmente no campo político, deve levar em conta também a dimensão simbólica e imaterial, pois estas são indissociáveis em qualquer interpretação. Além disso, a discussão é tecida tendo em vista a história do pensamento geográfico e a contemporaneidade, na qual as imagens e representações visuais possuem estatuto singular. Por fim, compreende-se o papel das imagens, dos imaginários e de suas representações enquanto processos culturais, isto é, formados pelas relações socioespaciais, e que são ao mesmo tempo agentes ativos na construção e constituição do real, intrinsecamente conectados aos diversos aspectos da vida, e capazes de mapear cognitivamente os imaginários sociais, políticos e geográficos.

**Palavras-chave: Cultura. Imagens. Imaginários. Representação Visual.**

### **THE ISSUE OF VISUAL REPRESENTATION IN GEOGRAPHY. A BRIEF COMMENTARY ON IMAGES AND IMAGINARIES**

### **ABSTRACT**

This article aims to discuss the issue of visual representation in cultural studies in geography and its theoretical-methodological and conceptual implications, through a brief exposition of some of its main problems and concepts and terms that are analytically articulated to that of representation, such as imaginary – which builds and precedes representations of all kinds, and images – in a broad sense. Such a discussion is justified by the fact that it brings together two fields of social life that are often taken separately, the cultural and the political. It is argued that the analysis of phenomena derived from the relations of (re)production of life in space,

especially in the political field, must also take into account the symbolic and immaterial dimensions, as these are inseparable in any interpretation. In addition, the discussion is woven in view of the history of geographic thought and contemporaneity, in which images and visual representations have a unique status. Finally, the role of images, imaginaries and their representations is understood as cultural processes, that is, formed by socio-spatial relations, and which are at the same time active agents in the construction and constitution of the real, intrinsically connected to the various aspects of life, and able to cognitively map social, political and geographic imaginaries.

**Keywords: Culture. Images. Imaginaries. Visual Representation.**

---

## INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, existe o desafio de trabalharmos novos objetos e temas de estudo, cada vez mais simbólicos, multidimensionais e dinâmicos, que demandam uma visão abrangente da realidade contraditória e fragmentada do capitalismo global. Esse desafio se coloca não só para a ciência geográfica, em específico, mas para todas as ciências humanas e sociais, além disso, ele exige a promoção da interdisciplinaridade entre diferentes campos do conhecimento, para que haja a integração de diferentes domínios da vida social.

A motivação para esta breve exposição advém justamente das problemáticas e das potencialidades que surgem quando se aborda objetos de estudo multifacetados – como as imagens, o imaginário e suas representações, que aproximam dois campos da vida social que são frequentemente tomados separadamente, o cultural e o político.

Cada uma destas duas dimensões apresenta uma multiplicidade de sentidos que dificultam defini-las ou saber do que exatamente tratam na geografia. No caso do termo “cultura”, houveram várias propostas de reconceitualização do mesmo ao longo da história da disciplina. Inclusive, alguns geógrafos chegaram a contestar sua capacidade explicativa dos fenômenos sociais e até mesmo seu uso enquanto uma categoria analítica. Isto decorre do fato de que ao mesmo tempo que cultura designa os diferentes modos de vida e os sistemas simbólicos como as linguagens e as religiões, ela também designa as práticas e os produtos dessas relações intelectuais, espirituais e estéticas, como as expressões artísticas. (MITCHELL, 1995; DUNCAN; DUNCAN, 1995).

Não obstante, há na geografia o reconhecimento de que tais conteúdos e práticas culturais, quaisquer que sejam as definições de cultura adotadas, são imprescindíveis para a compreensão da realidade, visto que a cultura é um objeto de interesse geográfico permanente, isto é, presente desde o início da geografia científica e institucionalizada. Além de que, na atualidade, os temas e fontes culturais têm despertado crescente interesse nesta disciplina, trazendo novas maneiras de interpretar os fenômenos e muitas das novas inquietações de pesquisa na área.

Desse modo, apesar de persistirem diversos desafios teórico-metodológicos nas abordagens de quaisquer objetos que partam do que é considerado cultura, contendo obviamente cada um suas especificidades, a análise de fenômenos derivados das relações de (re)produção da vida no espaço, especialmente no campo político, deve levar em conta a dimensão simbólica (imaginários, representações e imagens), pois esta é indissociável em qualquer interpretação, uma vez que como advogou Mitchell (1995) as falsas dicotomias criadas a partir da separação entre simbólico e material (e suas derivações como imaginação/real, consciência/práxis, etc.) são histórica e socialmente desenvolvidas visando o controle e a dominação.

Nesta direção, e como inicialmente exposto, com o pano de fundo a respeito das relações entre cultura e política, defendemos uma maior adoção da dimensão simbólica e imaterial para as análises políticas, mais especificamente, por meio do uso das imagens (aqui num sentido amplo) produzidas pelos imaginários geográficos e suas representações. Além do mais, também são apontadas as problemáticas de tal adoção, com ênfase na questão da representação visual.

## **DISCUSSÃO**

Este estudo concentra-se na área de estudos culturais em geografia ou simplesmente em “Geografia Cultural”, mas por um viés intimamente ligado à Geografia Política. Isto é, trabalhamos com objetos e fontes culturais, pensando suas potencialidades e contribuições na compreensão das relações de poder, perpassando temas que privilegiam a categoria território e suas derivações. Fontes frequentes de investigação tem sido os produtos da cultura visual – as imagens e os imaginários,

mais especificamente as imagens e imaginários cinematográficos, que acreditamos expressarem os imaginários sociais, políticos e geográficos.

### **Contextualização da Problemática**

Nas últimas décadas, a partir do chamado “*cultural turn*” na geografia, muitos estudiosos das dimensões política e econômica da vida social na ciência geográfica têm realizado o esforço de voltar suas atenções para além das operações de objetivação científica, abrindo-se para as subjetividades, os simbolismos e representações que também constituem a realidade, como apontado por Cosgrove ao tratar da recente atenção dada a imaginação geográfica e as geografias imaginativas:

Esses termos não são facilmente ou precisamente definidos, mas registram um reconhecimento do papel desempenhado pelas imagens e pela imaginação em moldar as formas com as quais a informação e a compreensão geográficas são constituídas e circuladas, e em seus efeitos materiais. (COSGROVE, 2008, p. 8, tradução nossa).

Nessa senda, Moraes (2005) abre seu livro afirmando que na geografia pouca atenção foi dada aos discursos e às representações a respeito do território quando discute-se as relações entre política e cultura no Brasil. Para ele, tende-se a reduzir as ideologias geográficas (tema central de seu estudo) aos discursos da Geopolítica. Sem adentrarmos na discussão de um termo polissêmico e escorregadio como o de “ideologia”, vale ressaltar o papel que o autor confere aos aspectos simbólicos e subjetivos na produção do espaço material, o que ele chama de uma “valorização subjetiva do espaço”:

Não há humanização do planeta sem uma apropriação intelectual dos lugares, sem uma elaboração mental dos dados da paisagem, enfim, sem uma valorização subjetiva do espaço. [...] Por trás dos padrões espaciais, das formas criadas, dos usos do solo, das repartições e distribuições, dos arranjos locacionais, estão concepções, valores, interesses, mentalidades, visões de mundo. (*ibid*, p. 15-16).

Dessa forma, mostra-se clara, em sua visão, a relação inextricável e verdadeiramente dialética que existe entre as ideias e as materialidades, entre teoria e prática, dentro do campo político. Uma perspectiva que vai na contramão de análises pretensamente materialistas que desconsideram outros condicionantes sociais, como os culturais, que fujam ao estritamente econômico e objetivo.

As afirmações supracitadas ressoam também em Castro (1997, p. 155-156) quando ela coloca que “a resposta ao desafio de compreender o mundo em que se colocam os geógrafos requer também considerar a força dos símbolos, das imagens e do imaginário como parte integrante dos conteúdos da disciplina.” Por conseguinte, defende que os imaginários sociais podem funcionar como modos de interpretação dos simbolismos que tecemos com o meio, pois tais imaginários possuem um inegável poder explicativo das relações sociais e se tornam visíveis através das organizações socioespaciais.

Além disso, a autora considera que o próprio discurso geográfico contribui para alimentar tais imaginários sociais e seria ele mesmo uma maneira de interpretá-los, uma vez que sempre possuem um conteúdo espacial. Característica que se mostra como uma evidência da inseparabilidade entre imaginário, a dimensão política e o território.

De maneira semelhante, mas partindo de outras bases teórico-metodológicas, Duncan e Duncan (1995) evidenciam que alguns geógrafos costumam separar rigorosamente as ideias e imaginários em um reino a parte do material e concreto pois, supostamente, os primeiros não seriam tão reais quanto estes últimos. Nesta prática, não enxergam que “ideias são reais e são reais em suas consequências”. (*ibid*, p. 576, tradução nossa). O que significa dizer que elas se manifestam material e concretamente e podem muitas das vezes ser prejudiciais.

Salutar pontuarmos que a imaginação (produção de imagens mentais) e o imaginário concebem desde coisas concretas, que vemos e construímos no mundo, até coisas abstratas (religiões, ideologias, etc.). Um entendimento que se difere do senso comum, o qual, muitas das vezes, pensa se tratar apenas de coisas intangíveis, isto é, de abstrações.

Podemos ver o imaginário social de forma concreta como 1) produto: conjunto de elementos simbólicos que se articulam para manifestar uma visão de mundo, por exemplo, narrativas e produções simbólicas, e também nos *ethos* de grupos e movimentos sociais, isto é, quando ele se manifesta na estética, ética e nos costumes de determinados grupos ou movimentos sociais. Dessa maneira, funcionam como um elo/cimento social (MAFFESOLI, 1987), ou seja, as pessoas se identificam e aderem

a tal imaginário. Contudo, o imaginário também pode ser 2) processo: como na perspectiva antropológica de Duran (2012), onde de um lado, há as pulsões e movimentos internos do sujeito e, do outro, as coerções do mundo externo (social e natural), forças que operam em direções opostas e é justamente nesse confronto que a imaginação tenta elaborar algum sentido. Nessa perspectiva, o imaginário acaba atuando como um fator de equilíbrio biológico, psicológico e social na vida do ser humano.

Tais apontamentos introdutórios são importantes pois houve no decorrer dos estudos culturais em geografia uma grande preocupação com a objetividade das pesquisas e a defesa de uma abordagem positiva da cultura, isto é, apenas material/concreta, assim, conferindo centralidade ao trabalho humano e seus efeitos materiais nas paisagens, levando muitas vezes a inobservância dos aspectos imateriais e ideológicos da cultura (como línguas, religiões, costumes, etc.), e das representações e expressões visuais/imagéticas.

### ***A questão da re(a)presentação visual em Geografia***

Uma dimensão que perpassa o imaginário social e as imagens que ele produz é a representação. Um termo tão primordial ao gênero humano e tão polissêmico que se torna bastante dificultosa qualquer tentativa de traçar seu histórico e definição. Podemos entendê-lo minimamente enquanto um processo que envolve produção simbólica (significação) a partir de um referente, mas muitas vezes apenas formal, e a recepção ou interpretação dessa elaboração.

As artes, em suas múltiplas formas, mostram-se grandes exemplos desse processo de representação da realidade. Podemos considerar que as formas artísticas são recriações do mundo, este enquanto seu eterno referente. Elas apresentam um mundo formado – formas trabalhando formas, diferentemente de como percebemos a realidade, completamente fragmentada.

No âmbito geral das ciências, por sua vez, poderíamos partir dos próprios conceitos científicos – que são alguns dos mediadores entre os sujeitos e o mundo que surgem na linguagem, neste caso, específica de cada ciência e, a grosso modo, podem ser caracterizados como maneiras de construir pensamentos a partir de ideias

e imagens, ultrapassando criticamente o senso comum. A depender da área do conhecimento e do suporte em que se dá tal processo representacional, diferentes definições podem ser adotadas. Aqui, especial interesse será dado à representação visual, mais especificamente a diferentes tipos de imagens.

A representação visual está e sempre esteve intimamente ligada ao fazer geográfico. Interessante lembrarmos, como pontua Gomes (2017), que a etimologia da palavra “*geografia*”, que justapõe as unidades *geo* – terra, e *grafia* – do grego *graphein*, que possui múltiplos significados como descrição ou escrita, mas também marcar, desenhar, inscrever, entre outros; revela possibilidades de interpretação do termo que vão além do consensual, podendo expandi-lo ao iconográfico e pictórico.

Essa relação com a representação imagética na geografia mostra-se mais preponderante a partir da adoção dos termos *paisagem* e *mapa*. (COSGROVE, 2008). No caso de paisagem deve-se ao fato de que a própria fisionomia das paisagens nos fornece, a partir dos elementos que as compõem, uma espécie de “texto” (num sentido mais amplo que escrita) que é constantemente significado, interpretado e representado pelos grupos humanos desde quando se tem registros. (DUNCAN, 1990). Além de que, em seu sentido moderno e mais popular, ela possui um significado cuja unidade é dada pela dimensão estética. Por seu turno, o termo mapa, apesar de sua reorientação teórica recente em que passa a considerar construções imaginativas e em grande parte mentais, além de outros suportes representacionais, continua inegavelmente enquanto uma das principais formas visuais de representação do mundo a partir de um ponto de vista. (COSGROVE, 2008).

O uso de representações imagéticas na ciência geográfica não é algo recente, desde de sua institucionalização enquanto ciência é possível identificar tais expressões sendo usadas através de diferentes suportes em diversos trabalhos e por diversos autores de diferentes tradições ao longo do tempo. O famoso trabalho do geógrafo alemão Friedrich Ratzel intitulado “*Völkerkunde*”, do final do século XIX, por exemplo, contém inúmeras imagens e desenhos, além dos tradicionais mapas. Os geógrafos da escola de Berkeley nos EUA, mais precisamente na figura de Carl Sauer, faziam uso de fotografias como instrumentos de análise da paisagem nas primeiras décadas do século XX. Não podemos deixar de mencionar as pinturas de paisagens

de Alexander von Humboldt que inclusive antecede o movimento de institucionalização da Geografia na Alemanha. De qualquer maneira, não é preciso muito esforço para acharmos tais produções iconográficas e pictóricas abundantemente neste campo do conhecimento.

No entanto, novas expressões artísticas e novas tecnologias visuais passam a ser incorporadas nos trabalhos de geógrafos (as) com o passar do tempo e com os desdobramentos do conhecimento geográfico, mas dessa vez não somente enquanto meros procedimentos metodológicos ou ilustrações de algum fenômeno e sim enquanto fontes e objetos de pesquisa, ou seja, como pontos de partida para a reflexão. Pensa-se pelas imagens ou junto a elas, reconhecendo-se seu valor heurístico. (GOMES; RIBEIRO, 2013).

No escopo da representação visual é possível notar, hodiernamente, a centralidade desses outros tipos de imagens enquanto produtoras de conhecimento, assim como de imaginários e subjetividades. O foco na construção visual da vida social advém do fato de que esta passa a ter grande destaque no entendimento e na construção imagética das sociedades nas últimas décadas, como explana Knauss, desde a História, ao discutir os sentidos e potencialidades do termo “cultura visual”:

A cultura visual pode ser definida não apenas como o campo de estudos da construção social do visual em que se operam imagens visuais e se realiza a experiência visual. Pode ser também entendida como o estudo da construção visual do social, o que permite tomar o universo visual como terreno para examinar as desigualdades sociais. (KNAUSS, 2006, p. 108).

Assim, inverte-se o sentido lógico, conferindo-se um novo estatuto às imagens. E a partir dessa dinâmica, passa-se a pensar os regimes de visibilidade que condicionam as formas de ver e de pensar o mundo. Logo, “analisar as imagens a partir de uma abordagem geográfica significa pensar sobre as condições que regulam nossa percepção sobre a espacialidade.” (GOMES; RIBEIRO, 2013, p. 34).

Costumeiramente o termo representação é entendido simplesmente como um modo de substituir alguma coisa, cujo conteúdo está em outro lugar (material/imaterial), por símbolos ou como o produto de uma operação de objetivação que reduz os objetos a meras imagens dos mesmos (paradigma moderno). Tais definições são limitantes, pois levam-nos a pensá-la num sentido restrito, como se a

representação fosse uma falsificação ou apenas uma imitação de algo estável e “real” que existe verdadeiramente no mundo.

Conforme expõe Gomes (2017), isso se deve à tradução literal da palavra *mimesis* enquanto imitação. Essa definição, marcadamente platônica, de fato foi aceita por muito tempo, mas deixou um legado que, desde então, gera grande desconfiança para com as imagens, levando à chamada “crise da representação”. Não conferindo as imagens a capacidade de nos fazer ver a realidade de outra maneira, ou seja, de conhecermos através delas. Esse sentido de exprimir um significado oculto é, inclusive, uma outra definição possível para a palavra *mimesis*. O que corrobora a análise de Cosgrove sobre o mesmo tema quando este diz que:

A postura crítica que hoje enquadra a relação da geografia cultural com as imagens pictóricas tende a subverter sua autoridade expressiva, desviando a atenção da integridade da imagem ela própria para as condições da sua produção, circulação e recepção, e potencialmente reduzindo-a a uma mera expressão de verdades que estão em outro lugar do que em sua superfície. (COSGROVE, 2008, p. 4, tradução nossa).

Indo além, o geógrafo inglês afirma que uma outra questão da representação na geografia é a frequente elevação do texto sobre a imagem, em que o texto é tanto a fonte autorizada quanto o modo preferido de comunicação dentro da geografia contemporânea, muitas vezes sobrepondo-se às imagens mesmo quando procura-se fazer uso delas enquanto referências.

Ainda no campo da geografia, mas discutindo filmes, Lukinbeal e Zimmermann (2006) mostram como a questão da representação atravessa seu subcampo disciplinar de modo particular, o que ilustra mais algumas questões a respeito do tema. Os autores defendem que as produções fílmicas não são cópias da realidade, mas modos de se construir, desconstruir e reconstruir o mundo como o conhecemos, isto é, nossas visões de mundo. Tais produções (re)produzem espaços virtuais, sendo assim, mais apropriado, talvez, trata-las por simulacros ao invés de representações.

O problema com as imagens fílmicas advém da verossimilhança, visto que se trata dos produtos mais próximos do modo como enxergamos e, diferentemente das fotografias, por exemplo, possuem também movimento, assim, passamos a acreditar que são partes da realidade tal como ela se apresenta, a realidade capturada instantaneamente. No entanto, na prática cinematográfica, não basta ligar a câmera e

filmar o real para criar um filme realista, existem diferentes formas, métodos e escolhas estéticas para alcançar tal resultado.

Desse modo, fica claro que toda noção de realismo é também uma maneira de ver, além de que se trata de uma escolha de linguagem que está condicionada por inúmeras regras e convenções sociais que dependem dos lugares e de cada época. Até mesmo um filme documentário não configura um registro mais fiel à realidade que um filme de ficção, pois o primeiro possui apenas um tratamento criativo diferente.

Em suma, as representações em geral possuem seus códigos e são sempre criadas em determinados suportes que as condicionam. Quando tratamos de representações, estamos tratando da relação entre nossas visões de mundo e o que está sendo apresentado e isso demanda interpretação, pois as representações não são substitutivos de outras coisas, mas um novo apresentar.

Podemos afirmar, no limite, que agimos e nos organizamos no mundo através de representações e seus imaginários na contemporaneidade. A partir disso, a investigação científica não deveria se ater em concluir se isso é algo bom ou ruim, defender um lado ou o outro, mas se perguntar como isso ocorre, quais as condições de produção desse processo e, principalmente, quais os efeitos que tal dinâmica é capaz de produzir em nossas vidas em sociedade. (LUKINBEAL; SOMMERLAD, 2022).

Sabe-se, como proposto pelos estudiosos da chamada Escola de Frankfurt, que na passagem do século XIX para o XX, as produções culturais passam a ser mercadorias dentro de um complexo industrialmente articulado e cientificamente planejado – a chamada *Indústria Cultural*. Porém, essa indústria não se configura enquanto mera mercadoria, mas a mercadoria mais mediada que existe, porque sua finalidade é a consciência humana, visando conformar sentimentos, emoções, visões de mundo, etc.

Consequentemente, podemos asseverar que as mídias e os meios de comunicação contemporâneos têm a capacidade de influenciar diretamente na sociabilização, disseminando valores ético-morais da sociabilidade, como as igrejas, escolas, os núcleos familiares, entre outras instituições sociais.

Por isso Lukinbeal e Zimmermann (2006, p. 317, tradução nossa) colocam, tratando da atual fase do capitalismo, que:

As experiências diárias do indivíduo não conseguem mais explicar a realidade social, uma vez que suas experiências conformam uma peça minúscula na matriz da estrutura capitalista em seu todo. Ao passo que tais realidades não podem jamais aparecer inteiramente no reino das percepções, achamos as remanescências simbólicas dessas experiências nas tecnologias reproduzíveis.

Portanto, evidencia-se uma forte relação entre capitalismo, espaço e produção cultural. Assim, devemos considerar o papel das imagens, dos imaginários e de suas representações enquanto processos culturais, isto é, formados pelas relações socioespaciais, e que são ao mesmo tempo agentes ativos na construção e constituição do real, intrinsecamente conectados aos diversos aspectos da vida, e capazes de mapear cognitivamente os imaginários sociais, políticos e geográficos. (CASTRO, 1997; LUKINBEAL; ZIMMERMANN, 2006).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Abordar as representações imagéticas em diferentes suportes e os imaginários que as originam, nos estudos culturais em geografia, mostra-se um caminho extenso que demanda interdisciplinaridade, contudo, bastante frutífero, visto que há muitas expressões artísticas, mídias e tecnologias visuais por serem estudadas pelos geógrafos (as) culturais, a partir das mais diversas perspectivas e metodologias.

Tendo isso em vista, prender-se nas discussões a respeito da relação dicotômica entre realidade e representação não evidencia qualquer enriquecimento em termos analíticos, pois tal binarismo é ideológico e nos impede de avançarmos com nossas pesquisas, uma vez que o real é sempre uma elaboração social e coletiva que envolve relações de poder e consenso, e as representações influem grandemente no que é convencionalizado enquanto verdadeiro e real.

A relevância dos estudos culturais em geografia justifica-se na atualização das problemáticas culturais para os dias hodiernos e em cada contexto, através de bases teórico-metodológicas renovadas e em consonância com outras ciências sociais e humanas, o que leva a uma maior dinamicidade de suas pesquisas que não se prendem na antiguidade enquanto âmbito qualificador ou na conexão com a

natureza/terra de forma obrigatória, além de articular em superposição culturas diversas e não mais culturas estanques justapostas.

No que diz respeito às representações visuais, mais precisamente, os estudos são bastante críticos quanto a imperfeição das imagens e a prevalência da visão sobre os demais sentidos da experiência, o que inclusive caracteriza a modernidade, mas que ainda assim as imagens produzem instrumentos de poder e de conhecimento que nos permitem ver o mundo de outros modos e por essa potencialidade devem ser disputados e adotados pelos geógrafos (as).

Por fim, vale ressaltar que ao longo de todos os argumentos dessa exposição, houve o esforço de associar política e cultura como intrínsecas, uma vez que, num nível anterior, ética e estética pressupõem uma à outra. Isso é evidenciado pelo fato de que somente num mundo utópico essa conexão se dissolveria, desfazendo-se em um estado de paz perpétua, visto que é da natureza da produção cultural se opor ao mundo que existe, seja negando-o, seja sugerindo como ele deveria ser ou celebrando-o (nos aspectos que a interessam).

A produção cultural interessa a quem se interessa em política na medida em que ela expressa algo que não teríamos acesso por outros meios. Algo que é fácil de identificar nas obras, mas que não é facilmente apreendido. Porém, uma produção artística não precisa ser explicitamente política. Além de que ela possui alguns limites. Mas sua relevância para as lutas sociais contemporâneas é inegável.

Uma produção cultural engajada não é engajada porque diz que o é, mas porque subordina o debate à produção de organização das pessoas em seus cotidianos e numa visão mais atenta quanto às questões específicas do país. Essa é a maior potência das produções culturais em nossa visão.

## **AGRADECIMENTOS**

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, através do programa CAPES-PROEX.

## REFERÊNCIAS

Castro, I. E. Imaginário Político e Território: natureza, regionalismo e representação. In: **Explorações Geográficas**: percursos no fim do século. Castro, I. E.; Gomes, P. C. C.; Corrêa, R. L. (Org.). Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.

Cosgrove, D. **Geography and vision**: seeing, imagining and representing the world. London-New York, I. B. Tauris, 2008.

Duncan, J. **The city as a text**: the politics of landscape interpretation in the Kandy Kingdom. Cambridge, New York, Port Chester, Melbourne, Sydney: The Cambridge University Press, 1990.

Duncan, J.; Duncan, N. **Reconceptualizing the idea of culture in Geography**: A reply to Don Mitchell. Transactions of the Institute of British Geographers, vol. 21, n. 3, p. 576-579, 1995. DOI: <https://doi.org/10.2307/622599>.

Duran, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. [1960]. São Paulo: WMF Martins Fontes – POD, 4ª edição, 2012.

Gomes, P. C. C.; Ribeiro, L. P. **A produção de imagens para a pesquisa em geografia**. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, n. 33, p. 27-42, jan./jun. de 2013.

Gomes, P. C. C. **Quadros Geográficos**: uma forma de ver, uma forma de pensar. 1ª edição, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2017.

Knauss, P. **O desafio de fazer história com imagens**: arte e cultura visual. ArtCultura, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-jun. 2006.

Lukinbeal, C.; Zimmermann, S. **Film Geography**: a new subfield. Erdkunde, p. 315-325, 2006.

Lukinbeal, C.; Sommerlad, E. **Doing film geography**. GeoJournal, 87, p. 1-9, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10708-022-10651-2>.

Maffesoli, M. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1987.

Mitchell, D. **There's no such thing as culture**: towards a reconceptualization of the idea of culture in geography. Transactions of the Institute of British Geographers, vol. 20, n. 1, p. 102-116, 1995. DOI: <https://doi.org/10.2307/622727>.

Moraes, A. C. R. **Ideologias Geográficas**. Espaço, Cultura e Política no Brasil. São Paulo: Annablume, 5ª edição, 2005.